

CORPO E ENFERMIDADE NA ARTE DE FRIDA KAHLO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA FILOSOFIA DE HEIDEGGER¹

Naiane Santos Matos², Caroline Vasconcelos Ribeiro³

RESUMO

O objetivo desse trabalho consiste em apresentar resultados obtidos em uma pesquisa de Iniciação científica, fomentada pela FAPESB. A partir do projeto de pesquisa intitulado por “Memória, corpo e padecimento existencial: um olhar sobre as obras de Frida Kahlo e Vincent Van Gogh a partir da psicanálise e filosofia”, surgiu o interesse em elaborar um plano de trabalho que articulasse arte e filosofia. Examinamos a maneira como o filósofo Martin Heidegger trata do problema do corpo e articulamos sua discussão sobre os padecimentos ligados à enfermidade a uma análise da vida e da obra de Frida Kahlo. Heidegger (2009) rejeita a ideia mecanicista de corpo como uma máquina e, na obra *Seminários de Zollikon*, expõe para psiquiatras a sua concepção de corpo a partir de sua definição do ser humano como *Dasein*. Segundo ele, o corpo humano não é uma mera anatomia, um *Körper* (corpo material), mas um corpo vivido (*Leib*) que carrega consigo nosso modo de ser cotidiano, a história de nosso ser-no-mundo. Se estamos saudáveis, nos lançamos nas ocupações cotidianas e sequer notamos a nossa condição corporal. A enfermidade, o padecimento corporal, implica no colapso do ser-no-mundo corporificado, de modo que nossa familiaridade cotidiana cede lugar para a estranheza imposta pelas limitações, medos e dores. A filosofia de Heidegger fomenta o interesse dos estudiosos que pensam a enfermidade, a exemplo de Reis (2016) e Aho (2009). Esses autores nos mostram que a enfermidade do corpo vivido é um padecimento existencial. Examinamos em que medida as discussões heideggerianas são frutíferas para pensar como a trágica biografia da artista Frida Kahlo se faz presente, de modo plástico, em alguns de seus autorretratos. Frida retratou os acontecimentos traumáticos que marcaram sua vida, suas cirurgias, abortos involuntários e processos de reabilitação. Analisamos algumas obras que retratam seus padecimentos, com foco maior na tela *Memória, o coração* (1937). Fazemos isso em articulação com a maneira heideggeriana de pensar o corpo vivido.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo, Enfermidade, Frida Kahlo, Heidegger

BODY AND ILLNESS IN FRIDA KAHLO'S ART: AN ANALYSIS FROM HEIDEGGER'S PHILOSOPHY

ABSTRACT

The objective of this paper is to present the results obtained in a scientific initiation research project, supported by FAPESB. The research project entitled “Memory, body and existential suffering: a look at the works of Frida Kahlo and Vincent Van Gogh from the perspective of psychoanalysis and philosophy” gave rise to an interest in developing a work plan that would articulate art and philosophy. We examined the way in which the philosopher Martin Heidegger deals with the problem of the body and linked his

¹ Trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à pesquisa do Estado da Bahia- FAPESB.

²Graduanda de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Bahia- UESB e bolsista da FAPESB. naiannesm@gmail.com

³ Docente do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas e do Programa de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade (PPGMLS-UESB) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: caroline.ribeiro@uesb.edu.com.br.

discussion of the sufferings associated with illness to an analysis of Frida Kahlo's life and work. Heidegger (2009) rejects the mechanistic idea of the body as a machine and, in the work *Zollikon Seminars*, presents his conception of the body to psychiatrists based on his definition of the human being as *Dasein*. According to him, the human body is not a mere anatomy, a *Körper* (material body), but a lived body (*Leib*) that carries with it our daily way of being, the history of our being-in-the-world. If we are healthy, we throw ourselves into our daily activities and do not even notice our bodily condition. Illness, bodily suffering, implies the collapse of the embodied being-in-the-world, so that our everyday familiarity gives way to the strangeness imposed by limitations, fears and pains. Heidegger's philosophy fosters the interest of scholars who think about illness, such as Reis (2016) and Aho (2009). These authors show us that the illness of the lived body is an existential suffering. We examine to what extent Heideggerian discussions are fruitful in thinking about how the tragic biography of the artist Frida Kahlo is present, in a plastic way, in some of her self-portraits. Frida portrayed the traumatic events that marked her life, her surgeries, involuntary abortions and rehabilitation processes. We analyze some works that portray her sufferings, with a greater focus on the painting *Memory, the Heart* (1937). We do this in conjunction with Heidegger's way of thinking about the lived body.

KEYWORDS: Body, Illness, Frida Kahlo, Heidegger

INTRODUÇÃO

O ponto inicial dessa pesquisa se deu a partir do interesse no pensamento de Heidegger em relação ao corpo e adoecimento, expostos nos *Seminários de Zollikon*. Partimos da crítica de Heidegger (2009) direcionada à maneira em que a ciência moderna pensava a questão do corpo, a qual considera-o apenas em sua materialidade, como aquilo que se pode ser calculado, mensurado e quantificado antecipadamente. Heidegger advoga que o ser humano, nomeado por ele como *Dasein*, não tem um corpo, não porta um corpo como se porta uma bolsa. Ao invés, somos um corpo, um *corpo vivido*, e não apenas uma máquina biológica. Nosso modo de corporar, defende Heidegger (2009), depende da nossa estada no mundo, das experiências cotidianas e familiares no horizonte que nos circunda.

Em diálogo com o pensamento de Heidegger, nos interessamos em investigar as obras de uma das artistas mais conhecidas da história, que marcou não somente o mundo da arte, mas influenciou e influencia histórias de vida. Frida retratou os acontecimentos traumáticos que marcaram sua vida, suas cirurgias, abortos involuntários e processos de reabilitação. A partir disso, nos propomos compreender o conceito heideggeriano de corpo vivido (*Leib*) – e o que ele acarreta para pensarmos os padecimentos humanos – e investigar as memórias traumáticas vividas por Frida Kahlo retratadas em suas obras.

Procuramos, examinar em que medida a filosofia de Heidegger é frutífera para pensar como a trágica biografia da artista Frida Kahlo se faz presente em alguns de seus autorretratos. A partir da maneira como pesquisadores usaram esta filosofia para

refletir sobre o corpo e a enfermidade, avaliamos as experiências de desterro e infamiliaridade reveladas em obras da pintora.

MATERIAIS E MÉTODOS

Utilizamos como método a pesquisa de natureza bibliográfica, realizada a partir do levantamento de referencial teórico, relacionado ao tema estudado. Deste modo, além de analisar obras de fontes primárias, de Heidegger, utilizamos também, fontes secundárias, comentadores e pesquisadores de sua filosofia. Além disso, analisamos biografias que tratavam da vida e de obras da artista Frida Kahlo. Com o objetivo de compreender como o existir humano, em sua cotidianidade, é afetado pelo adoecimento, recorreremos a autores que fazem uma análise existencial da enfermidade (Reis, 2016; Aho, 2009). Esses autores nos mostram que a enfermidade do corpo vivido é um padecimento existencial.

Ao longo da pesquisa, realizamos atividades que consistiam na leitura e fichamento de artigos e capítulos de livros, que tratam do tema proposto, conseguindo assim uma análise mais apurada do tema do corpo e do adoecimento na fenomenologia heideggeriana. Analisamos algumas obras que retratam os padecimentos de Frida, nos concentrando detidamente na tela *Memória, o coração* (1937). Fizemos isso em articulação com a maneira heideggeriana de pensar o corpo vivido e com a maneira como teóricos, inspirados em Heidegger, pensaram a enfermidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Heidegger (2009), expôs sua concepção de corpo ancorada em sua definição de ser humano como *Dasein*. A partir do conceito de *Dasein* proposto por ele, entendemos que nossa corporeidade só pode ser pensada a partir do modo como nos relacionamos com o mundo, devendo ser descrita a partir do contexto existencial em que estamos mergulhados no mundo circundante. Os sentidos que damos ao mundo ocorrem na vida cotidiana. O corpo está implicado em nossa “abertura” para o mundo, a partir de seus sentidos e da compreensão. O corpo humano não é só um *Körper* (corpo material), mas um corpo vivido (*Leib*) que carrega consigo nosso modo de ser cotidiano, a história de nossos modos de ser-no-mundo. Um resultado desta pesquisa consistiu em pensar a vida e a obra de Frida Kahlo a partir da filosofia de Heidegger e de estudiosos da enfermidade baseados nesta filosofia, como Reis (2016) e Aho (2009).

Frida Kahlo retratou em suas obras os acontecimentos traumáticos que marcaram sua vida. Toda a sua existência, principalmente as marcas deixadas por doenças na infância e pelo trágico acidente sofrido, foram retratados em suas pinturas. Além do sofrimento físico, ela revelou seu sofrimento emocional, tanto aqueles

decorrentes do abalo sofrido pelos numerosos procedimentos médicos que enfrentou, quanto aqueles relacionados à frustrações em seu casamento. Na obra *Memória o coração* (1937), Frida transmite esse misto de sensações e sentimentos, tanto com a dor física como na dor causada pela traição. Em suas obras podemos reconhecer tanto seus traumas quanto momentos de alegria, esperança. Além disso, o corpo assolado pela enfermidade e pelas dores decorrentes das intervenções se faz presente de forma imperiosa (Herrera, 2001; Bastos; Ribeiro, 2007). Com Heidegger aprendemos que, quando estamos saudáveis, lançados na cotidianidade, sequer notamos nossa condição corporal. É na enfermidade que nos deparamos com o colapso da familiaridade que guia o estar no mundo, sendo confrontados pelos medos e incertezas (Aho, 2009).

CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES

A maneira como Heidegger pensa o corpo nos permite pensar o padecimento existencial da artista Frida Kahlo. Segundo Aho (2009), quando estamos saudáveis, nos lançamos nas ocupações cotidianas e acabamos por não notar a nossa condição corporal. Já quando nos encontramos enfermos, o padecimento corporal implica no colapso de ser-no-mundo corporificado, de modo que nossa familiaridade cotidiana cede lugar para a estranheza imposta pelas limitações, medos e dores.

Em suas obras, Frida não retrata apenas seu sofrimento corpóreo, mas suas experiências cotidianas, a relação com os outros, com sua cultura. O corpo retratado não se reduz apenas aos aspectos físicos e biológicos, mas expressa-se como corpo vivido, marcado por uma mescla de padecimento e altivez. Nas biografias examinadas, notamos que a própria Frida Kahlo assume que ela pintava a sua própria realidade, o que ela mais conhecia. Seus autorretratos, trazem imagens dos resultados deixados em seu corpo pelo acidente, poliomielite e cirurgias, mas também marcas em sua existência, resultados dos enfrentamentos físicos e mentais que passou ao longo da sua vida.

A enfermidade de Frida acabou transformando toda sua existência, fazendo com que ela mudasse seus planos e convivesse, continuamente, com a dor e o padecimento corporal. Ancorados na perspectiva heideggeriana entendemos que o adoecimento não é algo que acomete somente o corpo físico e material – tal como é considerado na medicina tradicional – mas assola todo o existir (Heidegger, 2009; Reis, 2016). Muitas telas de Kahlo retratam isso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- AHO, K. A. **Heidegger's neglect of the body**. New York: State University of New York Press, 2009

- 2- BASTOS, Marli Miranda; RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. Frida Kahlo: uma vida. Juiz de Fora. **Psicanálise & Barroco – Revista de Psicanálise**. v.5, n.2: 46-76, dez 2007.
- 3- FREITAS, Jeferson Benício de. O corpo humano no Seminários de Zollikon de Heidegger. **Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea**, Brasília, v.10, n.1, abr. 2022, pgs.163-176.
- 4- FREITAS, Neidemar Maria de. Corpo Cindido em Frida Kahlo. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras - Literatura e Crítica Literária, 2016.
- 5- HEIDEGGER, Martin. **Seminários de Zollikon**: protocolos, diálogos, cartas. Tradução de Gabriella Arnhold e Maria de Fátima de Almeida Prado. São Paulo: Escuta, 2009.
- 6- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 2015.
- 7- HERRERA, Hayden. **Frida a biografia**. Biblioteca azul. Ed. 1º de outubro de 2011.
- 8- KAHLO, Frida. **O diário de Frida Kahlo: um autorretrato íntimo**. Tradução de Mário Pontes. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.
- 9- REIS, Róbson Ramos dos. A abordagem fenomenológico-existencial da enfermidade: uma revisão. *Nat. hum.*, São Paulo, v.18, n.1, p. 122-143, 2016. DOI: Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302016000100007&lng=pt&nrm=iso.

FIGURA 1 MEMÓRIA O CORAÇÃO (1937)



Fonte: Wikipédia 2024